

# Mundo do Trabalho

Coordenador Ricardo Antunes

## TÍTULOS PUBLICADOS

- OS SENTIDOS DO TRABALHO  
Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho  
Ricardo Antunes
- HOMENS PARTIDOS  
Comunistas e sindicatos no Brasil  
Marco Aurélio Santana
- O EMPREGO NA GLOBALIZAÇÃO  
Marcio Pochmann
- CRÍTICA À RAZÃO INFORMAL  
A inaterialidade do salariado  
Manoel Malaguti
- O NOVO (E PRECÁRIO) MUNDO DO TRABALHO  
Reestruturação produtiva e crise do sindicalismo  
Giovanni Alves
- TRANSNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL E FRAGMENTAÇÃO DOS TRABALHADORES  
João Bernardo
- TERCEIRIZAÇÃO: (DES)FORDIZANDO A FÁBRICA  
Maria da Graça Druck
- POBREZA E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO NA AMÉRICA LATINA  
Pierre Salama
- O ROUBO DA FALA  
Origens da ideologia do trabalhismo no Brasil  
Adalberto Paranhos
- O MISTER DE FAZER DINHEIRO  
Automatização e subjetividade no trabalho bancário  
Nise Jinkings
- FORDISMO E TOYOTISMO NA CIVILIZAÇÃO DO AUTOMÓVEL  
Thomas Goumet
- NEOLIBERALISMO, TRABALHO E SINDICATOS  
Reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil  
Huw Beynon, José Ricardo Ramalho, John McIlroy e Ricardo Antunes (org.)
- DA GRANDE NOITE À ALTERNATIVA  
O movimento operário europeu em crise  
Alain Bihr
- A CÂMARA ESCURA  
Alienação e estranhamento em Marx  
Jesus Ranieri
- DO CORPORATIVISMO AO NEOLIBERALISMO  
Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra  
Angela Araújo (org.)
- NOVA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO?  
Um olhar voltado para a empresa e a sociedade  
Helena Hirata
- PARA ALÉM DO CAPITAL  
Rumo a uma teoria da transição  
István Mészáros
- A DÉCADA NEOLIBERAL e a crise dos sindicatos no Brasil  
Adalberto Moreira Cardoso
- O SÉCULO XXI  
Socialismo ou barbárie?  
István Mészáros

Marco Aurélio Santana • José Ricardo Ramalho

organizadores

- José Ricardo Ramalho
- Marco Aurélio Santana
- Huw Beynon
- Loïc Wacquant
- René Mouriaux
- Claudio Salvadori; Dedeca
- Luis Antonio Machado da Silva
- Nadya Araújo Guimarães
- Ricardo Antunes
- Adalberto Moreira Cardoso
- Marco Antonio de Oliveira
- Iram Jácome Rodrigues
- Armando Boito Jr.

## ALÉM DA FÁBRICA

trabalhadores, sindicatos e a nova questão social

Comp. U.4  
internos

PASTA: 24

(OP)AS: 24

R\$: 3,60

Copyright © dos autores, 2003  
Copyright desta edição © Boitempo Editorial, 2003

C O L E Ç Ã O

## Mundo do Trabalho

Revisão

*Maurício Balhazar Leal*  
*Sandra Regina de Souza*

Capa

*Antonio Carlos Kehl*

Edição eletrônica

*Set-up Time Artes Gráficas*

Editora

*Ivana Jinkings*

Assistente editorial

*Ana Paula Castellani*

Coordenação de produção gráfica

*Eliane Alves de Oliveira*

Forolitos

*OESP*

Impressão e acabamento

*Yangraf*

ISBN 85-7559-028-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: outubro de 2003

BOITEMPO EDITORIAL

Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Euclides de Andrade 27 Perdizes  
05030-030 São Paulo SP  
tel./fax: (11) 3875-7285/3875-7250  
editora@boitempo.com  
www.boitempo.com

## SUMÁRIO

Apresentação..... 7

### PARTE I – TRABALHADORES, SINDICATOS E A NOVA QUESTÃO SOCIAL:

uma perspectiva internacional

#### CAPÍTULO 1

Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social

*José Ricardo Ramalho*

*Marco Aurélio Santana*..... 11

#### CAPÍTULO 2

O sindicalismo tem futuro no século XXI?

*Huu Beynon*..... 44

#### CAPÍTULO 3

A penalização da miséria e o avanço do neoliberalismo

*Loïc Wacquant*..... 72

#### CAPÍTULO 4

O sindicalismo dos países industrializados em fins

dos anos 1970: efetivos, estruturas e estratégias

*René Mouriaux*..... 89

### PARTE II – TEORIAS E CONFIGURAÇÕES DAS CLASSES TRABALHADORAS HOJE

#### CAPÍTULO 5

Anos 1990: a estabilidade com desigualdade

*Claudio Sabadori Dedecca*..... 109

CAPÍTULO 6	Mercado de trabalho, ontem e hoje: informalidade e empregabilidade como categorias de entendimento	
	<i>Luiz Antonio Machado da Silva</i> .....	140
CAPÍTULO 7	Por uma sociologia do desemprego: contextos sociais, construções normativas e experiências subjetivas	
	<i>Nadya Arraújo Guimarães</i> .....	179
CAPÍTULO 8	A nova morfologia do trabalho e o desenho multifacetado das ações coletivas	
	<i>Ricardo Antunes</i> .....	213
<b>PARTE III – SINDICALISMO: enfoques teóricos e práticas recentes</b>		
CAPÍTULO 9	Os sindicatos e a segurança socioeconômica no Brasil	
	<i>Adalberto Moreira Cardoso</i> .....	227-
CAPÍTULO 10	Tendências recentes das negociações coletivas no Brasil	
	<i>Marco Antonio de Oliveira</i> .....	271
CAPÍTULO 11	Relações de trabalho no ABC paulista na década de 1990	
	<i>Iram Jacome Rodrigues</i> .....	299
CAPÍTULO 12	A crise do sindicalismo	
	<i>Armando Botto Jr</i> .....	319
	<i>Sobre os autores</i> .....	335

## APRESENTAÇÃO

Este livro reúne textos de especialistas brasileiros e estrangeiros nos estudos sobre trabalho e sindicato. A partir de pesquisas e análises recentes, os autores discutem as principais questões de um contexto marcado por transformações que atingem intensamente os trabalhadores e suas organizações de representação. O objetivo final é oferecer ao leitor uma referência atualizada sobre essa temática e permitir que os capítulos do livro possam ter um uso amplo e diferenciado.

A coletânea se estruturou tendo como base o seminário temático “Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social”, coordenado por nós no XXV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), em 2001. Na primeira parte, tendo por base uma perspectiva internacional, os artigos discutem os novos desafios postos para os agentes sociais organizados no mundo do trabalho, levando-se em conta os impactos das transformações recentes sobre a sociedade como um todo. Estão em tela, portanto, questões tais como: novas formas de organização do trabalho e as formas correspondentes de resposta sindical (abrangendo aqui aspectos tanto do ideário quanto da prática), o redesenho da relação capital/trabalho, a orientação de políticas sociais e públicas (previdência, emprego, geração de renda etc.).

A segunda parte do livro analisa as configurações das classes trabalhadoras no cenário atual, a partir tanto de possibilidades teóricas quanto de experiências concretas. Tendo em vista o quadro geral de mudanças globais, aquilo que teria sido um conjunto

“Nos velhos tempos, muitos empregados podiam apelar à ajuda do sindicato. Apenas um oitavo dos trabalhadores do mundo está organizado agora... Os leões tiveram seus dentes arrancados... Nós fomos deixados sozinhos com nossos novos mestres, as grandes corporações, aquelas que o criticam se não podem se livrar de você” (Rogaly, 1998).

Anos atrás, ouvindo Bill Gates apresentar seu plano de lançar 300 satélites de comunicação, o mesmo autor desenhou o futuro da seguinte forma:

“Corporações que operam em muitos países buscam lugares onde os impostos são os mais baixos. Sempre evitando pagar impostos para reduzir seus custos, esses gigantes podem escolher onde e o que fazer. Eles mudam naturalmente para onde as leis são mais amenas. Essas viagens fugindo das leis serão aceleradas pelas redes. As chances são as de que, durante as décadas futuras, as diretorias das 100 maiores companhias do planeta serão mais fortes e mais relevantes para as dividas individuais do que os governos dos 100 maiores países... Nós estamos testemunhando o início de um triunfo tão grande para o mercado livre, que nem os proponentes do capitalismo jamais sonharam” (Rogaly, 1997).

Outros autores, embora concordem com Joe Rogaly no que diz respeito à crise dos direitos dos trabalhadores, têm uma compreensão mais complexa dessa situação. Charles Tilly, escrevendo em uma edição especial do *Journal of International Labor and Working Class History*, associa a expansão dos direitos dos empregados com a expansão do Estado e da democracia. Segundo ele, no contexto da globalização, Estado e democracia estão ambos enfraquecidos. Historicamente, no Ocidente, assinala o autor:

“Direito de greve, de associação, luta por sanções contra as péssimas condições de trabalho, buscar o reforço legal dos contratos, recolher seguro-desemprego, receber aposentadoria, tudo isso não era fruto de um *ethos* europeu e ocidental geral, mas sim de uma presteza particular do Estado na validação dos direitos em questão” (Tilly, 1995: 12-13).

Ele acrescenta:

“O exercício dos direitos dependia fortemente da capacidade e da propensão dos Estados em disciplinar o capital. Muito da política trabalhista nos países ocidentais girou em torno precisamente de demandas no sentido de que o Estado fizesse valer tais direitos em face da resistência dos capitalistas” (idem, *ibidem*).

Na visão do autor, a globalização do capital e a criação de “poderosas organizações supranacionais” minaram a capacidade dos Estados de “disciplinar o capital”. Resumindo seu argumento, Tilly (*ibidem*: 21) afirma que:

“Minha análise indica que a substancial aquisição de direitos feita pelos trabalhadores nos países capitalistas depois de 1850 agora enfrenta uma devastadora reversão. Nada nesta análise sugere que um novo ciclo de aquisição está prestes a começar. Da mesma forma que o Estado declina, declinam os direitos dos trabalhadores”.

Segundo o autor, a não ser que novos modos de organização sejam encontrados, a própria democracia corre o risco de ser esmagada “pelas novas oligarquias do capital”. Ou, na linguagem de Rogaly (1997):

“Você pode confiar na administração para tratar mal os empregados, os consumidores, os diretores e todo mundo *mais*, sempre que as circunstâncias exigirem. Essa é uma proposição fundamental cuja verdade não pode ser negada”.

Immanuel Wallerstein (1995: 26) concorda com essa visão e usa a linguagem da guerra em sua abordagem da ascendência dessa oligarquia. De seu ponto de vista, ela tem sido marcada por ataques e contra-ataques:

“O que é importante perceber é que este ‘contra-ataque’ é uma reversão de estratégia pelas classes privilegiadas, ou ainda um retorno à estratégia do pré-1848, na qual se administrava o descontentamento dos trabalhadores conjugando indiferença e repressão. Após 1848, até 1968, as classes privilegiadas tentaram apaziguar a classe trabalhadora através da instituição do Estado liberal, combinada com doses de concessões econômicas. A estratégia foi politicamente vitoriosa. Elas apenas reverteram essa estratégia quando a conta tornou-se muito alta, o que apenas aconteceu recentemente”.

Todos esses textos fazem uma leitura sombria. Eles sugerem que estamos entrando em um período no qual os direitos dos trabalhadores nos Estados da Organização para Cooperação e Desenvolvimento (OCDE) e ao redor do mundo estão em perigo.

### Elementos de repressão

As análises sobre as forças que produziram essa pressão pela diminuição dos direitos dos trabalhadores identificam três principais agentes:

*Corporações multinacionais*

A crescente importância das corporações transnacionais no interior das economias nacionais não é um fenômeno novo. O capitalismo sempre teve uma agenda internacional. Entretanto, uma preocupação com o impacto dessas corporações nos arranjos dentro da indústria manufatureira tornou-se clara a partir dos anos 1960. Esse processo foi se acelerando com o desenrolar do século. O fim da União Soviética e a liberalização das economias da China, da África do Sul e do Brasil têm acelerado o desenvolvimento de suas atividades em uma escala global.

Os trabalhadores das fábricas da Ford no Reino Unido ficaram preocupados com o modo pelo qual as operações internacionais da empresa afetavam as suas vidas. Na fábrica de Halewood, em Liverpool, a produtividade começou a ser comparada com a de outra fábrica equivalente da Ford em Colônia, na Alemanha, na qual são empregados imigrantes turcos. Esse padrão aumentou com a medição do trabalho e os níveis de produção de diferentes fábricas que foram colocadas em uma espécie de "tabela de campeonato", na qual os trabalhadores foram encorajados a competir com seus colegas de outras plantas da empresa (Beynon, 1996a).

O impacto desse tipo de arranjo começou a ser sentido depois da crise cambial de 1976. Essa crise, combinada com a sobrecapacidade industrial da Europa, promoveu um severo achatamento nos níveis de emprego e, com isso, no desenvolvimento de estratégias de negociação pelas companhias que enfraqueceram profundamente a organização dos sindicatos.

Em uma ocasião, a Hyster – empresa produtora de empilhadeiras – anunciou que uma de suas três plantas europeias teria que fechar. A escolha entre elas dependeria dos níveis de redução de salários que cada uma estava disposta a fazer. Logo depois, a Ford anunciou que desejava instalar uma fábrica de componentes em Dundee, na Escócia, mas que só o faria se os sindicatos concordassem que salários e condições de trabalho no interior da planta não fizessem parte do acordo nacional, que se aplicava a todas as fábricas da Ford. Essa fábrica foi finalmente instalada nas Filipinas.

O impacto depressivo desse tipo de prática sobre a percepção de sindicatos e trabalhadores acerca de seu poder e de seus direi-

tos é óbvio. Isso ficou claro no Reino Unido em um incidente em uma fábrica têxtil e de roupas no noroeste da Inglaterra:

"Na sexta-feira, trabalhadores da fábrica Coates Virella, em Rainhill Merseyside, pegaram seu aviso de demissão no chão de uma guarita fora da planta. Seus envelopes haviam sido deixados em pequenas pilhas por um administrador ansioso por fechar a porta exatamente à uma da tarde. Para Pat Donoghue e Lisa Kelly, foi a humilhação final. 'As pessoas tiveram que se curvar no chão para pegar seus avisos. Eles não tiveram a decência de nos entregar diretamente' disse um dos trabalhadores.

A fábrica em Rainhill, produtora de camisas para a rede Marks and Spencer, não tem produzido nada lá desde 10 de abril, quando os trabalhadores ouviram do diretor-geral que a planta ia ser fechada. Todo trabalho seria transferido para as fábricas da Coates Virella nas Ilhas Maurício e na Indonésia, onde os trabalhadores locais produziram as mesmas camisas por menos da metade do salário pago em Rainhill" (*The Times*, 6/5/1996).

Dessa forma, o nível de emprego nas indústrias têxteis e de couro, que absorviam 723.000 trabalhadores em 1979, foi reduzido para 366.200 em 1995. O processo de fechamento de fábricas e as mudanças nas formas de emprego afetaram a indústria manufatureira em muitos pontos. Em setores tão diversos quanto o de roupas, o de veículos e o químico, a perda de trabalho está ligada com a realocação dos espaços de produção. Isso pode ser visto de forma dramática nas operações de uma corporação industrial gigante como a Imperial Chemical Industries (ICI), que, no início dos anos 1980, mudou o balanço de sua produção de um tipo que era dominado por suas plantas britânicas para um outro bastante diverso em termos de sua operação internacional.

Essa alteração na base do emprego gerou severa perda de trabalho em suas principais locações britânicas em Teesside e Merseyside (ver Beynon, Hudson e Sadler, 1994). Como um *quid pro quo*, o Reino Unido ofereceu adequadas locações produtivas para filiais de corporações dos Estados Unidos e da Alemanha, bem como do Japão, da Coreia do Sul e de Taiwan. Essas companhias formaram a base da indústria britânica de eletrônicos e computadores. Processos similares afetaram a posição de trabalhadores nos Estados Unidos. Estima-se que, entre 1978 e 1991, um terço do setor de autopeças americano mudou-se para o México.

O salário real dos trabalhadores do setor caiu 9%. Os trabalhadores concordaram com o corte nos salários para manter os seus empregos.

De forma geral, as indústrias recém-chegadas e aquelas que permaneceram abertas foram administradas no sentido de que reduzissem dramaticamente sua força de trabalho. Esse processo ficou conhecido nos Estados Unidos como *downsizing* (ou, ocasionalmente, como *rightizing*). Ele foi visto como a solução para a intensificação da competição internacional, removendo a esclerose das indústrias dominadas pelas práticas do "trabalho para toda a vida" e pelo suporte dado pelo Estado através de subsídios e contratos garantidos. Máquinas (robôs e computadores) substituíram empregos em uma velocidade que levou alguns observadores a preverem o *fim do trabalho* (ver Rifkin, 1995). Em 1995, o relatório do Banco Mundial comentava que

"As transformações envolvem profundas reformas estruturais. Elas criam novas oportunidades, mas também riscos que gerarão vencedores e perdedores... O trabalho, possivelmente mais que o capital, tende a sofrer durante o período de ajustes iniciais... O trabalho tem menos mobilidade internacional do que o capital. Então, quando a economia quebra, o mais provável é que o trabalho sofra um choque mais duro, enquanto o capital foge... As maiores transformações estão associadas com a massiva reestruturação do emprego – alguns empregos podem ser destruídos e outros novos criados".

Alguns analistas americanos têm se referido à emergência de uma nova forma de economia, que eles chamam de *turbocapitalismo*. Os componentes-chave desse novo sistema repousam no modo fluido pelo qual o dinheiro e o capital fixo movem-se pelo globo, alterando a paisagem local e a vida das pessoas que trabalham para viver. Um desses depoimentos foi documentado por *Business Week*:

"Pergunte a David K. Hayes acerca dos impactos da globalização na vida dele e você ouvirá a história de uma dolorosa jornada na montanha-russa em que se tornou o nosso mundo. No início do ano passado, a fábrica da Goodyear Tire e Rubber Co., em Gadsden, Alabama, onde ele trabalhou por 24 anos, decidiu trocar a maioria de seus trabalhadores pelos baixos salários do México e do Brasil. A planta reduziu sua força de trabalho de 1.850 para 628 trabalhadores. Aos 44 anos, pai de duas crianças, ele teve sorte e conseguiu um emprego pagando os mesmos

US\$36.000 de salário por ano; porém, em outra planta da Goodyear situada a 300 milhas de distância. A esposa de Hayes não quis sair de seu trabalho como enfermeira, no qual ganhava US\$30.000 por ano. Então, Hayes alugou um pequeno apartamento em Union City, Tennessee, só podendo ver sua família nos fins de semana. Em outubro, a Goodyear reverteu sua posição inicial e empregou cerca de 700 pessoas em Gadsden, inclusive Hayes. É bom estar em casa, diz ele. Mas agora ele está constantemente preocupado com a possibilidade de que a companhia mude de idéia novamente. "Isso tem acabado como os meus nervos", diz ele. "Nós temos tentado ser bastante cautelosos com os gastos porque eu não sei se terei trabalho daqui a seis meses" (Benstein, 2000: 38-44).

Eventos como esse têm levado os pesquisadores a argumentar que o "turbocapitalismo" está estreitamente relacionado com a emergência de novos tipos de regimes baseados no *trabalho inseguro* (Heery e Salmon, 2000). O crescimento desse tipo de insegurança – especialmente para aqueles empregados em tarefas manuais, qualificados ou não – enfraqueceu a capacidade dos sindicatos de se organizarem efetivamente. Kate Brofenbrenner, da Universidade de Cornell, argumenta que suas pesquisas acerca das campanhas de sindicalização em plantas manufatureiras revelaram que os gerentes, em 62% delas, ameaçavam fechar a fábrica se a campanha prosseguisse (Fairbrother, 1999).

Bernstein (2000) indica que, quando perguntados, 75% dos cidadãos norte-americanos sentiam que a "globalização" tinha uma vantagem principal: ela dava empregos e reforçava a economia dos países pobres. Como poderemos ver, muitas pessoas acabaram por ressentir-se disso. Entretanto, é claro que qualquer mudança no perfil dos empregos não será a troca de um por outro igual ou equivalente.

#### *Agências internacionais – o FMI*

As firmas capitalistas organizadas internacionalmente são parte importante dessa situação de mudança. Um outro elemento de relevo é o colapso do entendimento que sustentava o acordo de Bretton Woods. Isso tem sido associado à crescente preponderância do Fundo Monetário Internacional como uma agência da ortodoxia financeira. Nos últimos vinte anos o fundo vem intervindo na operação dos Estados de diversas maneiras. Em momentos de

crise ele tem mobilizado suporte financeiro e creditício. Mas, de forma crescente, essa ajuda tem sido parte de um pacote que compromete o Estado ajudado com a introdução de políticas monetárias ortodoxas. Suas atividades foram centrais na crise que afetou a Rússia. Recentemente, George Soros indicou as formas pelas quais o suporte do FMI exacerbou a crise. O Produto Interno Bruto (PIB) da Rússia hoje é de 50% de seu nível de três anos atrás e tem sido acompanhado por uma espiral descendente dos salários reais e da chegada de uma forma de capitalismo *gangster*. Nada disso foi antecipado, pelo menos não para as pessoas na Rússia, muitas das quais hoje vêm o Fundo Monetário como um braço do imperialismo norte-americano. As intervenções do Fundo na região do Pacífico tiveram resultados cataclísmicos, mas mesmo lá o aumento da taxa de juros e os severos cortes nos gastos públicos tiveram um profundo efeito deflacionário. Efeitos similares podem ser observados no impacto do FMI nas estratégias econômicas de México e Brasil.

Pouco comentado, porém, foi o papel importante que o Fundo desempenhou na crise de desvalorização no Reino Unido em 1976. A intervenção do FMI naquela oportunidade restringiu seriamente as opções abertas para o então governo trabalhista. No meio de uma severa recessão (Burke e Cairncross, 1992), o Fundo comprometeu o governo com um corte nos gastos públicos de 8 bilhões de libras entre 1977 e 1979. A experiência convenceu o governo de que o *keynesianismo* estava no fim. O primeiro-ministro Jim Callaghan tornou isso bastante claro em um discurso pro-vocativo durante o congresso do Partido Trabalhista, em 1977:

“Nós sempre pensamos que poderíamos continuar gastando apesar da recessão, e aumentar o desemprego cortando impostos e aumentando os gastos do governo. Eu digo a vocês com toda honestidade que essa opção não existe mais. Ela só existiu e funcionou desde a guerra através da injeção de altas doses de inflação na economia, seguidas por um outro nível de desemprego... Agora, nós devemos voltar para os fundamentos” (citado em Panich e Leys, 1998: 117).

Margareth Thatcher elevou essa idéia a pontos que já estão bem documentados. Contudo, o impacto de longa duração da intervenção do FMI está menos documentado e pouco compre-

dido. Isso fica mais claro no fato de que o gasto público, durante o atual governo trabalhista de Tony Blair, permanece nos níveis deixados pela última administração do Partido Conservador. Isso já havia sido sinalizado na visita feita por Tony Blair a Rupert Murdoch (o magnata da mídia), na Austrália, em julho de 1996, e pela chegada de Bill Clinton a Downing Street para conversas a portas fechadas, em maio de 1997.

A intervenção do FMI em 1976 foi fortemente influenciada pelas opiniões circulantes em Wall Street de que a economia do Reino Unido “saiu das cordas”. Paul Krugman assinala a influência de opiniões como estas. Do seu ponto de vista, a política fiscal internacional se desenvolve no interior de um elaborado discurso dominante. Segundo ele:

“Encontros sem fim, discursos e troca de comunicados ocupam a maior parte do tempo dos formadores de opinião em economia. Esses grupos sociais fechados tendem em um dado momento, entre outras coisas, a convergir para uma sabedoria convencional sobre economia. Pessoas acreditam em certas histórias porque todo mundo importante fala delas, e as pessoas contam essas histórias porque todo mundo importante acredita nelas. Quando a sabedoria convencional está em sua força máxima, concordar com ela parece ser o maior teste para que possamos ser levados a sério” (Krugman, 1995: 28-44).

#### *Estados-nação*

A combinação de um capital global sem regulação, e das atividades coordenadas das agências internacionais dominadas pelos Estados Unidos, com a agenda econômica neoliberal forma parte importante das pressões sobre os direitos dos trabalhadores. Elas foram impostas pelas dramáticas mudanças na atuação dos partidos políticos e na estratégia política dos Estados-nação. Aqui, as atenções na época foram direcionadas para Thatcher/Reagan e para os partidos conservadores e republicanos. Todavia, a transformação dos partidos socialdemocratas foi de fundamental importância. Nós vimos como isso ocorreu no governo trabalhista dos anos 1970. O fenômeno da união da socialdemocracia com o neoliberalismo parece ter afetado todos os (chamados) Estados capitalistas anglo-saxões. Em adição ao ocorrido no Reino Unido e nos Estados Unidos, vimos os mesmos processos ocorrerem na Nova Zelândia, na Austrália e no

Canadá. De diferentes formas (como sugerido por Wheen, 1999), esses partidos encamparam ou prepararam o terreno para políticas que ficaram conhecidas como thatcherista (*Thatcherite*) e reaganomia (*Reaganomics*).

Para a análise do caráter dessas políticas no Reino Unido, seria interessante levar em consideração o que indica Alan Budd, professor de economia da London Business School e assessor direto de Margaret Thatcher. Em junho de 1992, ele participou de um programa de televisão no qual apontou os sustentáculos filosóficos da estratégia seguida pelo governo Thatcher, definindo-os como uma "volta ao básico".

"Aumentar o desemprego foi um jeito bastante interessante de reduzir a força da classe trabalhadora... O que foi engendrada — em termos marxistas — foi a crise do capitalismo que recriou o exército industrial de reserva e sempre permitiu aos capitalistas terem lucros"<sup>2</sup>.

O depoimento de Budd foi confirmado por Norman Stone, outro assessor de Thatcher. Como professor de história moderna da Universidade de Oxford, Stone foi entrevistado pelo *The Sunday Times* para fazer uma avaliação do século XX, analisando a importância social e política de cada uma das décadas. Para ele, os anos 1980 foram um período no qual o "capital contra-atacou" fortemente.

O voluntarismo, evidente em ambos os relatos (dos teóricos da direita), é interessante e aponta para a importância da política e da mobilização no processo de mudança econômica. Thatcher e Reagan, com seus assessores e os *Think Tanks*<sup>3</sup>, embarcaram em um projeto político que excluiu outras opções. O bordão de Thatcher era TINA — *There Is No Alternative* (Não há alternativa) — e foi usado com poderoso efeito retórico.

Como uma "sabedoria convencional" tal idéia tomou de assalto o processo de decisão política nos Estados Unidos e no Reino Unido nos anos 1980. Ela continha poderosos instrumentos

retóricos que colocavam grande ênfase em noções do passado, identificando os sindicatos e seus líderes como personagens de uma era ultrapassada. Dessa forma, o sindicato dos trabalhadores das Docas foi identificado como "a última das grandes guildas medievais" e seus trabalhadores como "fosseis em uma terra arruinada, criada por eles mesmos"<sup>4</sup>. Os líderes sindicais eram tão comumente chamados de "barões" que isso virou parte do discurso cotidiano. Outras alusões, como a de "Máfia", traziam consigo as idéias de poder e corrupção. Juntas, tais idéias serviram para identificar o sindicalismo (e, por extensão, a classe trabalhadora) como essencialmente ultrapassado e vivendo no passado. As manchetes dos jornais freqüentemente associavam a liderança sindical aos dinossauros. As referências tornaram-se ainda mais comuns após o filme *Jurassic Park* de Steven Spielberg. Nas fábricas, escritórios e universidades, sindicalistas e militantes de esquerda passaram a ser chamados de "jurássicos".

Deste e de outros modos, TINA tomou conta do Reino Unido. Isso promoveu uma frustração crescente com as greves do setor público e com a sobrecarga de regras e regulamentações sobre a vida cotidiana. Uma de suas consequências foi a liberalização de aspectos da vida de uma forma extraordinária. Telefones, por exemplo, eram de fornecimento escasso quando um monopólio estatal com poucos recursos controlava o setor. O pedido de instalação de uma linha era complicado e, invariavelmente, demorava meses para ser atendido. A mesma coisa acontecia quando se tentava obter novos aparelhos ou suprimentos. Para os consumidores havia pouca ou nenhuma compensação. A deregulamentação e a privatização criaram uma situação na qual os telefones podiam ser comprados facilmente nos centros comerciais de qualquer cidade.

### Um futuro alternativo

Este é o discurso que enfatiza a ascendência do capitalismo e do sistema capitalista. Ele confronta a expansão da economia global com as inseguranças e vulnerabilidades dos trabalhadores e de

<sup>2</sup> Para uma maior discussão a respeito, ver Beynon (1996b).

<sup>3</sup> Conselhos ou comitês formados por pessoas com experiência em um dado assunto. Eles são estabelecidos por uma organização ou governo no sentido de produzir idéias e lhes dar consultoria. (N. T.)

<sup>4</sup> Para maiores detalhes, ver Turnbull, Woolfson e Kelly (1992).

suas famílias, bem como de suas localidades. As maiores evidências do modo pelo qual a mudança de natureza e perfil dos empregos tornou-se a parte da estrutura dinâmica da "globalização" podem ser ilustradas com um exemplo da pouco estudada área de transporte oceânico.

Vinte anos atrás, os maiores países industrializados operavam suas próprias frotas com seus próprios tripulantes. Isso não ocorre mais. Hoje, por exemplo, 20% da força de trabalho marítima é filipina. Isso representa um rápido crescimento nos últimos vinte anos, que se relaciona com os modos pelos quais a indústria marítima, vivendo a sobrecapacidade, rompeu sua relação com seus países natais. Através do instrumento da "bandeira de conveniência", os navios que antes eram registrados e regulados pelo Reino Unido, e outros poderes marítimos, mudaram-se para lugares como Malta, Panamá, Bahamas, os quais fornecem um lar sem o decorrente controle de navios e proprietários. O rompimento com seus países de origem também facilitou a ruptura com a força de trabalho nativa, bem como com seus salários e acordos sindicais.

Sob essas condições, a força de trabalho do transporte marítimo se tornou global em sua forma. Agências de emprego e recrutamento em lugares como Filipinas, Índia, Cabo Verde, Larvia e Rússia tornaram-se uma nova e lucrativa fonte de trabalho para esse novo mercado de trabalho global. Esses trabalhadores são, muito freqüentemente, recrutados para um contrato de nove meses, com a maior parte dos seus salários paga pela agência de contratação diretamente na sua conta bancária. Ao fim de cada contrato, os trabalhadores solicitam o certificado de saída ao gerente do navio. Em muitos casos esse certificado é atribuído apenas da empresa do comandante e do agente. Um relatório negativo (associado a qualquer forma de reclamação) garantirá que o contrato não seja renovado.

Este é um relato preocupante e deprimente sobre uma situação que parece permitir pequena margem de manobra. A articulação entre os três elementos citados tomou uma forma que estimula a visão de que não há outro futuro; os seres humanos e as instituições sociais precisam se adaptar a essas mudanças e às forças econômicas poderosas. Em um contexto como esse, as pressões sobre a psique humana aumentam bastante.

Em 1998, a *Harper's Magazine* promoveu um simpósio acerca de ganhadores e perdedores na economia global. Bill Greider expressou seu ponto de vista:

"Ao menos na América, o processo de remoção de direitos — o declínio do salário real, a erosão da representatividade governamental e do trabalho organizado — tem caminhado com altos e baixos por 25 anos. Mas esse processo tem tido um efeito oposto, ele gerou a despolitização. Convenceu-se um monte de gente de que a política é uma coisa feita por outras pessoas e que deve ser desprezada" (Greider, 1995: 39-50).

Ele continua seu raciocínio prevendo uma derrota da direita. Na mesma linha, Bernard Crick (1980), autor da biografia de George Orwell, receu comentários acerca da reemergência da "multidão agressiva" na vida britânica contemporânea. Com base nos escritos de Hannah Arendt em *Origens do totalitarismo*, ele faz uma distinção entre "o povo" e "multidão agressiva"; indicando que, enquanto o povo busca a verdadeira representação e ser incluído na política, a multidão "odeia a sociedade da qual é excluída". Em 2000, ocorreram vários exemplos da "multidão agressiva" no trabalho e nos bairros pobres no Reino Unido. Inflamada pelos jornais sensacionalistas, a multidão insurgiu-se contra os suspeitos de pedofilia e "falsos exilados".

A visão de Greider (1995) e Crick (1980) ecoa as preocupações mencionadas anteriormente por Kapstein (1996). Em seu artigo, ele usa uma ampla abordagem histórica e percebe na depressão que assolou a Europa nos anos 1870 as origens da Primeira Guerra Mundial e a subsequente ascensão de Adolf Hitler e do Partido Nazista.

Existe algum modo alternativo de analisar tais desenvolvimentos? Existem desenvolvimentos alternativos e/ou estratégias que possam fornecer uma visão diferente do futuro?

### *Sindicalismo e capitalismo global*

No discurso dominante os sindicatos são vistos ou como vilões ou como ultrapassados. Geralmente são vistos como instituições que foram ultrapassadas pelos desenvolvimentos na organização da produção e pelas mudanças na natureza das sociedades capitalistas. É bastante comum referir-se ao declínio da influência dos

sindicatos na política nacional, ao declínio do número de filiados, e à dificuldade que eles têm, como organizações nacionais, de lidar com sistemas globais de produção e distribuição, bem como aos modos pelos quais os trabalhadores, de forma cada vez mais crescente, percebem-se mais como consumidores do que como produtores.

Esse discurso tem levado a alguns exageros. Embora o número de filiados a sindicatos tenha declinado nos principais Estados capitalistas, ele ainda continua bastante significativo. Nos últimos anos esse número cresceu no Reino Unido e nos Estados Unidos. Além disso, existe forte evidência de que os trabalhadores em seus locais de trabalho continuam percebendo a pressão que sofrem da gerência como um ponto central em suas preocupações.

Indubitavelmente, a retórica da "globalização" aponta para problemas reais no estabelecimento de ações coletivas para os "proletários de todos os países". Porém, isso mascara o fato de que os sindicatos já estão buscando estratégias que transcendam as fronteiras nacionais. As iniciativas são variadas. Uma organização internacional da indústria química foi estabelecida no sentido de coordenar as atividades dos sindicatos, acompanhando a crescente concentração e internacionalização da operação das empresas do setor químico.

De modos diferentes, as organizações de base de sindicatos no setor automobilístico iniciaram, nos anos 1970, a construção de articulações internacionais, que têm apresentado, de forma freqüente, efeitos importantes. Os trabalhadores da Ford, no Reino Unido, substituindo o nome e o símbolo da empresa, produziram a camiseta "Fraude", como parte de uma campanha de sua greve em 1978; isso foi usado também, três anos depois, pelos trabalhadores da empresa nas Filipinas. A idéia seria utilizada mais uma vez pelos trabalhadores no Brasil que cunharam a insígnia "Fome".

As articulações internacionais de base enfrentaram problemas no fim dos anos 1980, embora o contato pessoal entre os atores ainda permaneça. Existem sinais de que elas estão reemergindo de diversas maneiras. Pesquisadores do sindicato dos funcionários públicos no Reino Unido desenvolveram um *website* interativo na internet, o "Cyber Picket" (<http://www.cf.ac.uk/socsci/crest/picker.html>), que recebe milhares de visitas por ano. Na Europa,

articulações eficazes estão sendo construídas como consequência da filiação à União Européia, e a necessidade de acordos em relação à implementação de suas diretivas. No caso do North American Free Trade Agreements (Nafta), temos percebido consequências similares embora num nível muito menos formalizado.

No hemisfério Sul, um importante encontro do Southern Initiative on Globalization and Trade Union Rights ocorreu em Johannesburg, em outubro de 1999. O encontro também possibilitou a reunião de uma rede paralela do Grupo de Trabalho 44 da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Conforme observado por Fairbrother (1999):

"Um elemento distintivo desse encontro foi a integração de ativistas do movimento dos trabalhadores e de pesquisadores acadêmicos, informando-se uns aos outros de forma produtiva e mutuamente estimulante".

O principal resultado do encontro foi a assinatura da "carta de intenções" entre o sindicato dos marítimos da Austrália e a Transport General Workers Union (TGWU) sul-africana, visando um programa de troca em desenvolvimento de políticas conjuntas envolvendo seus membros e os representantes de base dos portos de Durban (África do Sul) e de Fremantle (Austrália).

Em fevereiro de 2000, uma grande manifestação tomou as ruas de Manila. Os *slogans* e escritos nas bandeiras e nas faixas eram:

Não às listas negras contra os marítimos  
As listas negras violam os direitos humanos.

Essa manifestação foi importante por inúmeras razões. Primeiro, ela reflete o fato de que um quarto de milhão de filipinos está agora empregado na indústria mundial de transporte marítimo. Freqüentemente eles estão envolvidos em disputas por salários, condições de trabalho e manutenção de contato com a International Transport Federation (ITF):

"Constantemente, aqueles que contactam a ITF são tachados de 'causadores de problemas'. Seus nomes são incluídos em 'listas negras' mantidas pelas agências de contratação e/ou na 'lista de mercados' elaborada pela Agência Filipina de Emprego Ultramarino, as quais são

as únicas fontes oficiais de emprego no mar. Como consequência, muitos trabalhadores temerosos acabam por se manter calados, deixando caminho aberto para inescrupulosos donos de navios que ignoram até mesmo os seus direitos mais básicos<sup>5</sup>.

Os manifestantes estavam chamando a atenção para esse problema e para o fato de que mais de 100 inspetores da ITF, de cerca de 40 países, estavam reunidos em Manila para discutir a questão.

Por causa de seu papel no interior de uma indústria altamente globalizada, a ITF achou necessário o estabelecimento de forte colaboração internacional (com sindicatos de doqueiros) e pensaria seriamente na possibilidade de desenvolver uma organização global para lutar por salários e condições de trabalho globais. Além do medo das "listas negras", um outro problema crucial enfrentado por esses trabalhadores envolve o fato de, em muitos casos, ficam presos em portos estrangeiros sem salários, após o colapso das companhias proprietárias dos navios. A ITF, em colaboração com uma comitativa de trabalhadores do mar, desenvolveu uma rede internacional visando apoiar os trabalhadores nessas circunstâncias. O navio da ITF, o *Global Mariner*, acaba de completar um cruzeiro ao redor do mundo. Os seus registros listam os portos visitados pelo navio, os encontros por ele organizados e o número de pessoas que visitaram a portenosa exibição em seu interior detalhando o trabalho dos marítimos: Mumbai, Índia, 60.000 visitantes... Karachi, Paquistão, mais de 75.000 visitantes em apenas cinco dias; Mombassa...

### *Movimentos sociais*

Um dos elementos interessantes presentes na literatura sobre globalização é a importância dada a uma forma de consciência social emergente, que transcende a localidade e o Estado local. Isso se dá de forma mais clara em relação às questões ambientais. A explosão de Chernobyl tornou claro para os fazendeiros do norte da Inglaterra e do País de Gales que eles dividiam o mesmo mundo com o povo da Ucrânia. Para as pessoas mais próximas da

cena da destruição, a maneira pela qual o desastre foi enfrentado provou ser um importante ponto de mudança em suas vidas. Karol explicou como ele, sendo membro da juventude comunista, "des-tampou os olhos" quando viu a pouca importância que se dava àquelas pessoas. Essa preocupação ambiental não é, com certeza, uma panacéia ou a solução para os problemas do mundo. O movimento ambiental (como todo movimento social) tem seus conflitos internos. Todavia, o que ele pode estar apontando é a sugestão de que os movimentos sociais, em fins do século XX e início do século XXI, comecem a ter uma visão "planetária" e que isso pode ser percebido como um desenvolvimento significativo.

Esse tipo de visão contribuiu para as manifestações durante a celebração dos 50 anos do FMI. Ativistas ambientais cobriram os delegados presentes com notas de dólares falsos, reivindicando que não houvesse mais destruição da camada de ozônio. De maneira geral, tem crescido bastante a crença (encorajada pelas organizações não-governamentais envolvidas em campanhas contra a fome na África e em outros países) de que aquele ajuste estrutural proposto pelo Fundo simplesmente não funciona. Como o editorial do *Multinational Monitor* indicava:

"As evidências da falha das políticas de ajuste estrutural já estão disponíveis há algum tempo para aqueles interessados em ver. Elas são certamente bastante conhecidas das organizações não-governamentais que trabalham com a questão do desenvolvimento".

Campanhas no Reino Unido e nos Estados Unidos em defesa do "cancelamento da dívida externa" para as nações mais pobres do mundo começaram a se espalhar entre grupos religiosos, sindicais e ONGs. De forma mais aguda, uma manifestação de massa encerrrou o encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Seattle. Um dos manifestantes relembra como, ao fim da manifestação,

"Caminhei pela rua uma última vez. O forte cheiro doce do gás lacrimogêneo ainda aromatizava o ar da manhã. Quando eu entrava no carro para a viagem de volta a Portland, um adolescente negro segurou meu braço. Sorrindo, ele disse: 'Ei cara, essa tal de OMC vem para cá todo ano?' Eu percebi claramente o que o garoto sentiu. Junto com o

<sup>5</sup> Citado em "Inspectors discuss ways to combat Filipino blacklist", *ITF Seafarers Bulletin*, nº 14, 2000, p. 7.

veneno, as luzes das bombas e as balas de borracha, havia um otimismo, uma energia e um companheirismo nas ruas de Seattle que havia muito tempo eu não via.

Refletindo sobre o otimismo, ele escreveu:

"Nos anos do protesto popular na América, essas foram horas brilhantes, conseguidas inteiramente por fora da arena convencional dos protestos ordeiros".

Ele contrasta a ação dos manifestantes nas ruas de Seattle com "o ativismo legalista e o tímido gemido das lideranças profissionais do trabalho e do ambientalismo".

No que já é agora um texto clássico, Andre Gorz propôs, em 1967, o que seria uma *strategy for labour*. Ele indicava que o movimento sindical havia formado a melhor força organizada no interior do movimento progressista. O apoio que ele dava a outros movimentos sociais mais amplos era visto como decisivo tanto para os movimentos que ele apoiava como para o próprio sindicalismo. Segundo ele:

"A definição de se esses outros elementos serão parte da esquadra ou rompetão com ela, se estarão engajados em ações coletivas ou permanecerão como minorias tentadas ao recuso da violência, depende de se o movimento sindical se opuser a eles ou se ele buscar alianças e ações conjuntas".

Mais ainda, "a posição com relação aos outros movimentos sociais... determinará sua (e a deles) própria evolução".

Durante os últimos trinta anos, as organizações sindicais parecem ser estranhas a esses movimentos sociais. Todavia, esse não tem sido sempre o caso e já há sinais muito claros de que uma mudança está em curso.

No Reino Unido, remanescentes do sindicalismo dos trabalhadores nas minas, baseando-se em suas experiências na famosa greve de um ano, se associaram aos ativistas ambientais nos protestos contra o desenvolvimento das minas que utilizam formas de extração a céu aberto (*open cast coal mining*), que são bastante agressivas para o meio ambiente. Outros colaboraram com a ação de grupos contra a pobreza em relação ao trabalho no setor informal. Shelia Rowbotham (1999) e outros registraram os modos pelos quais os sindicatos na Índia, na África do Sul, na Madeira e

na Austrália assumiram uma postura afirmativa quanto à organização e o apoio aos trabalhadores a domicílio. Essas atividades e o papel da *HomeNet* em garantir a inclusão/participação dos trabalhadores a domicílio na Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 1996 estão fartamente documentadas em seus informativos.

Esse aumento na receptividade para com as novas formas de organização por parte de alguns sindicatos tem sido, em certa medida, influenciado pelo duro revés no número de seus membros, trazido pelo fechamento das fábricas e pelo desenvolvimento de novos tipos de processo de trabalho, formas de contratação e condições trabalho. Nos Estados Unidos, Ruth Milkman (2000) confirmou a efetividade das campanhas de sindicalização que se basearam, de alguma forma, em algumas idéias dos militantes dos movimentos sociais, tendo mesmo os incorporado em alguma tarefa organizativa. Isso tem sido particularmente efetivo na organização de trabalhadores imigrantes. Existem alguns paralelos entre esse caso e o Brasil, onde a Central Única dos Trabalhadores (CUT) se preocupa em organizar demandas em torno dos padrões e níveis de condição de trabalho propostos pela OIT, bem como em construir fortes laços com os movimentos sociais e com os trabalhadores do setor informal.

Mais interessantes talvez sejam os desenvolvimentos nos Estados Unidos, onde o deslocamento das plantas para o México criou grandes demandas por tarifas e "comércio justo" entre os sindicatos de trabalhadores. Aqui, a assinatura do Nafta fez surgir movimentos, envolvendo grupos de estudantes, contra as "precárias condições de trabalho" expostas, principalmente, nas pequenas confecções de roupas que trabalham subcontratadas por empresas maiores. A União dos Eletricitários Americanos (United Electrical Workers - UE), hoje um sindicato pequeno, estabeleceu a Aliança de Organização Estratégica (Strategic Organizing Alliance) com a Frente Autêntico del Trabajo (FAT) no México, que desenvolveu um trabalho educacional através do intercâmbio estudantil (sobre a FAT, ver Hathaway, 2000). Essa aliança objetiva trabalhar pela solidariedade entre os trabalhadores norte-americanos e aqueles que trabalham nas novas fábricas das empresas no México. Isso tem atraído ameaças para os sindicalistas mexicanos. Um deles explica como:

"Produtores e capital atravessam a fronteira livremente agora. Mas nós trabalhadores não podemos fazer isso. Muitos tentaram e nunca retornaram. Se nós ficamos no México, mas tentamos organizar em outros países, somos chamados de 'traidores'. De fato, muitos termos são usados contra nós — 'perigo social' é o mais recente".

O movimento contra as precárias condições de trabalho tem recebido considerável apoio de várias organizações em todos os Estados Unidos. O Milwaukee Labor Council organizou um jantar beneficente para socorrer trabalhadores que cruzam a fronteira. Ações desse tipo incluem:

- Intercâmbio cultural de artistas que trabalham com a população local produzindo murais que representem o trabalho em suas variadas formas.
- Contato detalhado/intenso entre sindicalistas do Norte e do Sul informando-se mutuamente acerca das ações das corporações multinacionais e da natureza dos acordos sobre salários e condições de trabalho.
- Informação e ajuda (via boicote e pressão de *lobby*) com relação às greves pelas cláusulas sociais, pelas condições de trabalho, contra o ataque a sindicatos etc.

Harley Shaiken, do Centro Latino-Americano da Universidade da Califórnia, em Berkeley, tem estado diretamente envolvido na construção de articulações entre sindicalistas da América do Norte e os das novas fábricas no México. Desde a assinatura do Nafta, ele organiza a ida de ônibus lotados com esses trabalhadores e seus representantes para Tijuana, no noroeste do México. Em uma delas esteve presente uma delegação de 400 ativistas da United Automobile Workers (UAW) e um grande grupo de ativistas e dirigentes da União dos Maquinistas. Quando conversei com ele, em abril de 2000, ele me explicou como

"Essas viagens, invariavelmente, começam com ceticismo e um nível de antagonismo baseado na crença de que 'essas pessoas roubaram nosso trabalho'. Contudo, a visita à casa dos trabalhadores sempre dissipa esse sentimento de animosidade e conflito. Eles encontram as pessoas vivendo em abrigos feitos das caixas que embriulham as ferramentas que vêm das fábricas onde eles trabalham nos Estados Unidos. Os sindicalistas americanos sempre respondem de forma generosa. Isso os toca e eles esvaziam seus bolsos lhes dando dinheiro. Eles partem com a sensação de

ter tido uma das maiores experiências de suas vidas. Muitos deles me escrevem dizendo isso".

Para muitos desses sindicalistas americanos, a curta visita a Tijuana representa uma rara incursão para além das fronteiras de seu estado natal.

### *Globalização contra-hegemônica*

Recentemente, escritores nos Estados Unidos e no Reino Unido começaram a questionar os modos pelos quais a globalização tem sido pensada para operar com uma força hegemônica no interior da política e da teoria social. Tanto Peter Evans (2000) como Doreen Massey (2000) têm escrito acerca dos caminhos pelos quais a globalização, quando olhada da perspectiva dos trabalhadores e das pessoas "de baixo", pode ser interpretada de um modo diferente. Segundo Evans (2000):

"Por que o desenvolvimento burguês das comunicações e do movimento através das fronteiras nacionais não pode criar novas estratégias globais visando o bem-estar dos seres humanos e a equidade, ao mesmo tempo em que estimula as finanças e o comércio transnacional?"

Para Massey (2000):

"Nós estamos enfrentando um problema de linguagem. A palavra 'globalização' teve seu sentido sequestrado para significar somente uma forma particular de globalização (neoliberal e maciçamente preocupada com economia), que é a que nós sofremos no momento. Mas 'globalização', na realidade, significa apenas interconexão global, podendo assumir outras formas, basear-se em diferentes termos e construir diferentes tipos de relações de poder. Talvez, de fato, exista o início das idéias sobre como isso pode funcionar decisivamente nas redes internacionais que já estão sendo investidas pelo poder radical dos movimentos de protesto. De todo modo, precisamos resgatar para nós mesmos o sentido daquele termo, lutar por ele e pensar, não no local ou no global, mas em uma forma diferente de globalização".

Massey (2000) aponta para o papel significativo representado pelos Estados nacionais na criação de uma forma específica de "globalização" diferente da existente. Esse aspecto também é enfatizado por Leo Panitch (2000) em um ensaio recente que lida com a "estratégia do trabalho". Em seu ponto de vista,

“Globalização não é um processo econômico, ao qual, como muitos parecem pensar, o trabalho precise alcançar. Ela é um processo político posto em movimento por interesses identificáveis para alcançar claros fins. A falha em ver a natureza e a política estratégica da globalização reflete em um economicismo que precisa ser superado. Os Estados nacionais não são vítimas da globalização, mas atores dela. Os Estados não foram destronados pelo capital globalizado, eles representam o capital globalizado, principalmente o capital financeiro”.

Panitch (2000) conclui que as fundações da nova estratégia necessitam começar no interior dos Estados-nação. Mas a aliança progressista que o trabalho buscou fazer com a “burguesia nacional” não pode mais ser uma opção aceitável. Isso porque o “Estado representa cada vez mais um conjunto (nacional e estrangeiro) de classes capitalistas orientadas internacionalmente”.

Como essas idéias podem nos ajudar?

Para começar, indicando o fato de que a “globalização” é um tipo particular de construção ideológica, eles apontam para novos modos de pensá-la e compreendê-la, e para a importância que isso tem considerando os tipos de opção disponíveis. Por exemplo, existe agora uma gama considerável de literatura acerca dos modos como “as comunidades transnacionais” estão sendo construídas pelas pessoas que viajam ao redor do mundo de diversas maneiras, em busca de ou/e por causa de emprego, ou mantendo contato com amigos e parentes. Trabalhadores imigrantes, através de suas remessas, dão importante contribuição para a balança de pagamentos de seus Estados natais. Evans (2000) vê nesta diáspora um tipo de “globalização a partir de baixo” digna de nota:

“Globalização a partir de baixo permite ao cidadão comum, especialmente àqueles dos países pobres, construir vidas que não seriam possíveis em mundo tradicional de Estados ligados por rígidas fronteiras”.

Mas, como eles apontam,

“A surpreendente flexibilidade e a habilidade das pessoas comuns, cujas vidas tornaram-se transnacionais, não desafiavam necessariamente as regras globais dominantes, os modos como essas regras são feitas, nem a ideologia dominante que as legitima”.

Contudo, é claro que essa “consciência transnacional” tornou-se um elemento de muitas formas institucionais e de práticas que

podem muito bem afetar as regras dominantes. Evans indica três formas, as quais, segundo ele, merecem atenção:

- As redes de advocacia transnacional: tais redes são particularmente efetivas no que diz respeito ao meio ambiente e ao direito das mulheres. Elas envolvem tentativas de transmitir a informação transnacionalmente e de regular o comportamento dos poderosos através da invocação das normas. O autor avalia que esta prática tem sido bastante efetiva no Nordeste do Brasil (direito das mulheres) e em relação à informação que pode então ser usada como arma; da mesma forma elas potencializam a ocorrência do processo de “mudança de arena” – no qual as injustiças de um lugar são criticadas e sofrem pressão de um outro ponto.
- Negociar boicote de poder e consumo: informações acerca das condições de trabalho dos empregados da Nike, na Indonésia e no Vietnã, produziram uma grande crise para a empresa. Até o fim do ano fiscal de 1997-1998, seus lucros haviam caído para metade do ano anterior e o preço das ações caiu para 40%. Pesquisadores indicaram que o custo direto do trabalho não era mais de 2% do preço de um tênis de 100 dólares. A vulnerabilidade da Nike derivava do fato de que as suas vendas (como em muitos países consumidores do mercado capitalista avançado) relacionavam-se com a sua marca e a sua imagem. Esse fato tem sido utilizado por organizações como a Global Exchange, nos Estados Unidos, e a Women Working Worldwide, no Reino Unido.
- Trabalhadores do mundo unidos: um dos acordos do Nafta permite que sindicatos de cada um dos três países participantes façam reclamações sobre a violação dos direitos dos trabalhadores. Isso levou a uma importante colaboração entre as diretorias de sindicatos (envolvendo 50 sindicatos diferentes) no Canadá, nos Estados Unidos e no México, de uma forma que não havia sido prevista. Da mesma maneira, isso possibilitou as bases para uma mudança no pensamento de alguns sindicatos dos países do capitalismo central – que vêem os mexicanos como colaboradores na luta, e não mais como “ladões de emprego”. Possibilidades semelhantes existem na insistência de que a OMC mantenha padrões elevados de condições de trabalho.

Cada uma dessas áreas recomenda a inversão da regra: pensar globalmente, agir localmente. Elas sugerem que se ganha muito mais *agindo globalmente*. O princípio mais marcante repousa na possibilidade de estabelecimento de normas, valores e costumes que possam ser aplicados às relações, tanto na economia formal como na informal. Pode não ser fácil, especialmente em um mundo feito de diferentes crenças religiosas e práticas culturais. Como assinala Massey (2000), pode um conjunto de regras abstratas ser adequado em uma situação de variedade social e cultural, e de desigualdade econômica?

Ela pergunta tristemente sobre as novas regras do livre mercado:

“Se nós votamos pela total liberdade de movimento de pessoas e negócios, é justo que aqueles relativamente mais pobres do Primeiro Mundo sejam os que perderão seus empregos e os que terão mais pressões pela mudança de seu sistema habitacional? Julgar entre os relativamente pobres do Primeiro Mundo e os terrivelmente pobres do Terceiro Mundo mostra a falta de adequação na relação entre essas regras e os atores sociais, bem como seus poderes altamente diferenciados, os quais são agentes da globalização.”

Massey (2000) argumenta a favor do “agir globalmente”, mas prefere pensar em termos de metas e princípios, como aqueles relativos à igualdade e ao meio ambiente. E, como Evans (2000) é rápido em apontar, o “agir globalmente” produzirá pouco resultado positivo, a menos que de esteja ligado às organizações locais. Boicote de consumidores e pressão pelos direitos humanos e por níveis elevados de condições de trabalho são vulneráveis diante da crítica de que eles são simplesmente o protecionismo com outro nome. Para que essas mudanças tenham relevo, sindicatos locais e grupos comunitários também necessitam ser organizados em torno das novas “normas mundiais”.

Acerta desse ponto, Panitch (2000) é enfático:

“Se o internacionalismo é concebido de modo que seja uma alternativa, ou um substituto, para as mudanças que são necessárias no nível nacional, os resultados só podem ser negativos, se não forem desastrosos. Deve haver pouca tolerância para com o tipo de invocação para uma unidade global da classe trabalhadora, a qual, como já foi mostrado tragicamente em 1914, produziu mais calor retórico do que efetiva visão de solidariedade transnacional”.

Neste início do século XXI, não parece ser otimista sugerir que algumas práticas institucionalizadas estão, em curso e podem construir novos patamares de entendimento internacional. A organização dos trabalhadores no hemisfério Sul — especialmente no Brasil e na África do Sul — tem fornecido importantes exemplos de novas formas de organização em circunstâncias bastante difíceis. Existe a possibilidade de que a organização no Norte dará agora sua própria contribuição para a ampliação e o desenvolvimento de uma sociedade global mais humana e equânime.

### Bibliografia

- BERNSTEIN, Aaron. (2000). “Backlash: Behind the Anxiety Over Globalisation”. *Business Week*, Abril, p. 38-44.
- BEYNON, Huw. (1996a). *Trabalhando para a Ford*. São Paulo, Paz e Terra.
- . (1996b). “A destruição da classe operária inglesa”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 39, nº 2, p. 253-279.
- BEYNON, H., COX, A., HUDSON, R. (2000). *Digging Up Trouble: Opencast Mining and Environmental Protest in the UK*. London, Rivers Oram.
- BEYNON, H., HUDSON, R., SADLER, D. (1994). *A Place Called Teesside*. Edinburgh University Press.
- BURKE, Kathleen e CAIRNCROSS, Alec. (1992). *Goodbye Great Britain: the 1976 IMF Crisis*. Kogan Page.
- CRICK, Bernard. (1980). *George Orwell: A Life*. London, Secker & Warburg.
- EVANS, Peter. (2000). “Fighting Marginalisation with Transnational Networks: Counter-Hegemonic Globalisation”. *Contemporary Sociology*, 29 (1), p. 230-241.
- FAIRBROTHER, Peter. (1999). Report on the SIGTUR Conference. Mimeo. Cardiff School of Social Sciences, Cardiff University.
- FISHMAN, T., GARTEN, J. e GREIDER, W. (1998). “Global Routlette: in a volatile world economy can everyone lose?”. *Harpers Magazine*, junho, p. 39-50.
- GORZ, Andre. (1967). *Strategy for Labour: A Radical Proposal*. Boston, Beacon Books, apud Leo Panitch, “A Strategy for Labour”, *Socialist Register 2001*, London, Merlin Press, 2000.

GREIDER, Bill (1995). "Global Roudette: in a volatile world economy can everyone lose?", *Harper's Magazine*, junho, p. 39-50.

HATHAWAY, David. (2000). *Alles Across the Border: Mexico's "Authentic Labor Front" and Global Solidarity*. Cambridge, Ma: South End Press.

HEERY, E. e SALMON, J. (orgs.) (2000). *The Insecure Workforce*, London, Routledge.

KAPSTEIN, Ethan B. (1996). "Workers and the World Economy", *Foreign Affairs*, maio/junho, p. 16.

KRUGMAN, Paul. (1995). "Dutch Tulips and Emerging Markets". *Foreign Affairs*, julho/agosto, 74, (4): p. 28-44.

LUTTWAK, E. (1999). *Turbo-Capitalism: Winners and Losers in the Global Economy*, London, Texere Publishing.

MASSEY, Doreen. (2000). "The Geography of Power". *Red Pepper*, julho, p. 18-21.

MILKMAN, Ruth. (org.) (2000). *Organising Immigrants*. Ithaca, Cornell University Press.

PANITCH, Leo. (2000). "Reflections on Strategy for Labour?", *Socialist Register 2001*. London, Merlin Books, p. 367-392.

PANITCH, Leo e LEYS, Colin. (1998). *The End of Parliamentary Socialism: from New Left to New Labour*. London, Verso.

RIFKIN, Jeremy. (1995). *The End of Work: The Decline of the Global Labor Force and the Dawn of the Post-Market Era*. New York, A Tarcher/Putnam Book.

ROGALY, Joe. (1997). "No Spot on Earth Will be Microsoft-Free", *The Financial Times Week-end*, 3-4 maio, p. 3.

———. (1998). "Time for a New David to tackle Goliath". *The Financial Times Week-end*, 18-19 April, p. 3.

ROWBOTHAM, Sheila. (1999). "New Ways of Organising in the Informal sector: Five Case Studies of Trade Union Activities". London, HomeNet.

ST CLAIR, Jeffrey. (1999). "Seattle Diary: It's a Gas, Gas, Gas", *New Left Review*, nº 238, novembro-dezembro, p. 81-96.

TILLY, Charles. (1995). "Globalisation Threatens Workers' Rights". *Journal of International Labor and Working Class History*, nº 47, primavera.

TURNBULL, Peter, WOOLFSON, Charles e KELLY, John (1992). *Dock strikes: Restructuring the British Ports*. Avebury.

WALLERSTEIN, Immanuel (1995). "Response: Declining States, Declining Rights". *Journal of International Labor and Working Class History*, primavera.

WHEEN, Francis. (1999). *Karl Marx*. London, Fourth Estate.

WORLD BANK (1995). *World Bank Annual Report*. Washington, World Bank.